

A solidão da mulher negra discursivizada nas mídias digitais: discurso racista, memória e resistência

The loneliness of black women discussed in digital media: racist discourse, memory and resistance

DOI 10.20396/lil.v27i00.8678114

Ma. Monik Milany Santos Santana
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Dra. Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

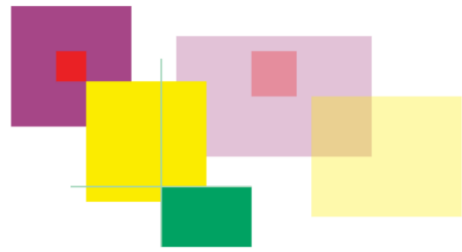
Resumo

A solidão da mulher negra tem suscitado vários debates nas redes sociais, no Brasil. Apesar de ser um tema novo para alguns, ele se trata de uma forma de racismo que se perpetua desde a escravidão, constituindo-se enquanto uma questão histórica ligada ao processo de hierarquização e marginalização sobre os corpos das mulheres negras brasileiras. Assim, a partir do aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) fundada por Pêcheux, este trabalho visa analisar como a solidão da mulher negra é discursivizada nas mídias digitais. Busca ainda compreender como esse discurso é afetado pelas condições de produção/circulação dessas mídias; como a memória do discurso racista afeta o discurso sobre o corpo da mulher negra; como se dá o confronto discursivo nessa trama e como funciona a resistência em/na rede. O estudo contará ainda com contribuições das Ciências Sociais, que discutem racismo e machismo. Utilizamos o *print screen* (captura de tela) para coleta de materialidades postadas no *Instagram* e *Youtube*. Três Sequências Discursivas (SDs) constituem o corpus discursivo. Nos gestos de leitura, observamos o funcionamento de um jogo de forças e uma tensão discursiva entre a memória discursiva de hipersexualização e desumanização sobre esses corpos e os movimentos de contradiscursos e resistência ao discurso racista e machista na/em rede. Verificamos ainda que as mídias digitais podem se configurar como espaço para a circulação de sentidos silenciados ao longo dos anos.

Palavras-chave: Mulheres negras, Discurso racista, Memória discursiva, Mídias digitais.

Abstract

The loneliness of black women has sparked several debates on social media in Brazil. Despite being a new topic for some, it is a form of racism that has been perpetuated since slavery, constituting a historical issue linked to the process of hierarchization and marginalization of the bodies of black



Brazilian women. Thus, based on the theoretical-methodological contribution of Discourse Analysis (DA) founded by Pêcheux, this work aims to analyze how the loneliness of black women is discursivized in digital media. It also seeks to understand how this discourse is affected by the conditions of production/circulation of these media; how the memory of racist discourse affects the discourse about black women's bodies; how the discursive confrontation occurs in this plot; and how resistance works in/on the network. This research will also feature contributions from the Social Sciences, which discuss racism and sexism. We use the print screen to collect material posted on Instagram and YouTube. Three Discursive Sequences (SDs) constitute the discursive corpus. In reading gestures, we observe the functioning of a game of forces and a discursive tension between the discursive memory of hypersexualization and dehumanization on these bodies and the movements of counter-discourse and resistance to racist and sexist discourse on/in the network. We also verified that digital media can be configured as a space for the circulation of meanings that have been silenced over the years.

Keywords: Black women, Racist speech, Discursive memory, Digital Media.

Considerações preliminares

O preterimento ou a rejeição, que acarretam solidão, pode ser experienciada por qualquer pessoa, em qualquer fase da vida. Entretanto, no caso das mulheres negras, a rejeição/solidão que sofrem, não apenas no campo afetivo/sexual, mas no campo social como um todo, é atravessada por determinações ideológicas e discursos de exclusão naturalizados por uma sociedade estruturada por sentidos machistas e racistas acerca desse corpo.

Por esta razão, Pacheco (2008) afirma que, em sociedades que têm essa estruturação, há de se considerar como os corpos femininos são produzidos historicamente e que, no caso do Brasil, as representações sociais sobre esses corpos, em especial, os das mulheres negras ordenam as vidas e afetividade desses sujeitos. Daí que a rejeição sofrida por essas mulheres tende a ser maior e mais cruel e pode ser traduzida, inclusive, em números.

Conforme relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quando analisados dados do campo afetivo/sexual, por exemplo, constatou-se que mais da metade da população feminina negra entrevistada (52,52%) vive o celibato definitivo. Afinal, como afirma uma das referências do feminismo negro brasileiro, Stephanie Ribeiro (2018), “a



mulher negra não é vista como digna de ser amada”. Voltando o olhar para outro aspecto abordado pelo IBGE, 61% das mães solo brasileiras são negras.

A situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período de escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país (Silva, 2010).

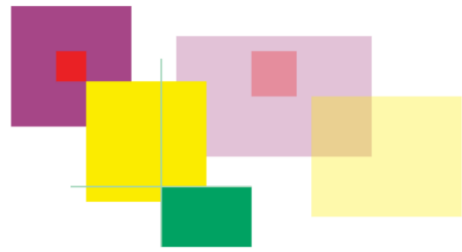
Diante desse cenário, convém enfatizar que, nos últimos anos, um tema tem suscitado inúmeros debates entre os internautas nas redes sociais no Brasil: a solidão da mulher negra. Se para alguns esse é um termo novo, uma vez que, como aponta Hooks (2010), este era um tema raramente discutido publicamente por esta mulher, segundo Brito (2022), “a solidão da mulher negra [...] se trata de mais uma forma de racismo que se perpetua pela sociedade desde os tempos da escravidão” e que, por esta razão, não se trata de uma questão individual, mas sim histórica.

Ratificando esse entendimento, Oliveira e Santos (2018, p. 16) postulam:

[...] apesar de parecer que as escolhas afetivas estão circunscritas à vida privada, indubitavelmente, é impossível negar que o regime escravocrata que durou quase 4 séculos (e nele compreendem-se anos de torturas, humilhações e violências de toda ordem) não tenha afetado a nossa percepção do que é virtuoso, belo e digno de amor).

Dito isso, é preciso rememorar a construção identitária das mulheres negras no Brasil. Desde o período colonial no Brasil, o direito de propriedade do senhor de engenho se estendia ao corpo das mulheres negras escravizadas (Oliveira; Santos, 2018). Ele não apenas utilizava a força de trabalho delas e tomava para si os filhos que elas geravam, como também praticava contra elas castigos físicos e, até mesmo, estupros – principalmente, quando do processo de miscigenação.

Todo esse processo levou a hierarquias sociais sobre os corpos das mulheres negras e à marginalização desses corpos. Elas passaram a ser vistas em posições nas quais elas não são “dignas” de amor/afetividade ou de ocupar certos espaços, ou até mesmo de humanidade, sendo lidas socialmente sob uma perspectiva estigmatizada/hipersexualizada/objetificada ou secundária, de menor valor – situações que resultam no preterimento e, conseqüentemente, na solidão e na humilhação dessas mulheres (Souza, 2008).



Diante do exposto, torna-se fundamental analisar e refletir sobre a solidão da mulher negra e os efeitos de memória do discurso racista sobre o corpo negro, considerando que ainda são poucos os estudos que se debruçam sobre esse tema¹.

Deste modo, e considerando que a internet pode se configurar também como um espaço para a circulação de sentidos silenciados ao longo dos anos de dominação, instaurando uma nova série de formulações, este estudo visa compreender como a solidão da mulher negra é discursivizada nas mídias digitais? Busca ainda compreender como os discursos sobre a solidão da mulher negra são afetados pelas condições de produção e de circulação dessas mídias digitais; como a memória do discurso racista afeta o discurso sobre o corpo da mulher negra; e como se dá o confronto discursivo nessa trama e como funciona a resistência, em/nas redes digitais.

O estudo se ancora nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD) fundada por Pêcheux, com o propósito de compreender a relação entre sujeito e sentido instaurada por meio do discurso – objeto teórico definido como efeito de sentidos entre interlocutores (Pêcheux, 1995) –, e, entre suas especificidades, na análise do discurso digital. Também referenciam este estudo as contribuições das Ciências Sociais, que discutem questões raciais e machistas.

Para alcançar os objetivos propostos, o primeiro movimento analítico do estudo foi a constituição do arquivo, definido por Pêcheux (2010), como um campo de documentos pertinentes sobre uma questão. Ao reler Pêcheux, Sargentini (2014, p. 25) vai além e afirma que o arquivo, na AD, “não é [...] um conjunto de dados guardados, ele é, por sua prática de leitura, revelador de interesses históricos, políticos e culturais”.

Para a coleta inicial das materialidades dispersas nas redes sociais digitais *Instagram* e *YouTube* que constituem este arquivo, utilizamos o recurso do *print screen* (captura de tela). Em seguida, identificamos e selecionamos três Sequências Discursivas (SDs) que constituem o corpus discursivo sobre o qual foram analisadas e discutidas as noções do quadro teórico da AD mobilizadas neste estudo, por meio do batimento entre

¹ Numa revisão de literatura sobre o tema, realizada pela Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), foram relacionados oito trabalhos, nenhum de Ciências da Linguagem. Ao fim da revisão, sugere-se que novas pesquisas sejam feitas demonstrando a “articulação e a importância das variáveis gênero e raça, uma vez que isso possibilita análises mais completas” (Mizael; Barrozo; Hunziker, 2021, p. 235) sobre o tema.



descrição/interpretação (Pêcheux, 2015, p. 54). Ainda sobre a “[...] questão do *corpus*, podemos dizer que se trata de um conjunto de formulações produzido pelo próprio processo de interpretação do discurso, no confronto com o arquivo” (Dias, 2015, p. 972).

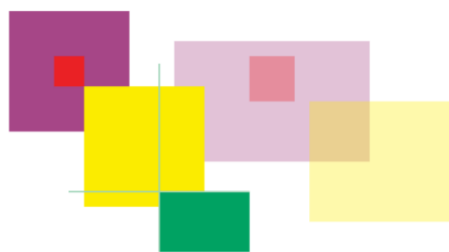
Apontamentos sobre o dispositivo teórico

Antes de seguirmos para a análise do *corpus*, faz-se necessário considerarmos algumas noções da Análise de Discurso pêcheuxtiana que se destacam teoricamente neste trabalho. Desse modo, uma vez que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia (Pêcheux, 1995), convém destacar que o sujeito de que trata a AD não é o linguístico-enunciativo, mas o do discurso, pensado como uma posição.

Nessa perspectiva, o indivíduo ao ser interpelado pela ideologia assume uma posição-sujeito no discurso, identificando-se, contra-identificando-se ou desidentificando-se com uma Formação Discursiva (FD), aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito (Pêcheux, 1995).

Ao se constituir pelo esquecimento ideológico, o sujeito discursivo possui a ilusão de ser dono de seu dizer e fonte de origem dos sentidos. Ele é também afetado pelo interdiscurso, ou seja, “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (Orlandi, 2020, p. 31). É o interdiscurso, este conjunto de sentidos “já-ditos” também denominados como pré-construídos – “algo” que é da ordem do que todo mundo sabe (Pêcheux, 1995) –, noção fundamental para compreendermos o funcionamento da memória discursiva. Isso porque, conforme postula Indursky (2011), a memória discursiva se constitui enquanto um recorte do interdiscurso.

É o trabalho da memória discursiva, definida como “a existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas regradas pelos aparelhos ideológicos” (Courtine, 2009, p. 105-106), que permitirá, conforme explica Courtine, a lembrança, a refutação, a repetição e o esquecimento de sentidos, produzindo efeitos de memória específicos. Nesse sentido, a repetibilidade de um dizer resultará na estabilização de determinados sentidos em uma Formação Discursiva (FD) dada, o que é conceituado como regularidade discursiva. Afinal, como enfatiza Orlandi (2020, p. 36), “não há sentido sem repetição, sem sustentação



no saber discursivo”, razão pela qual se instaura neste processo um retorno ao mesmo espaço de dizer, o que a autora conceituará como paráfrase.

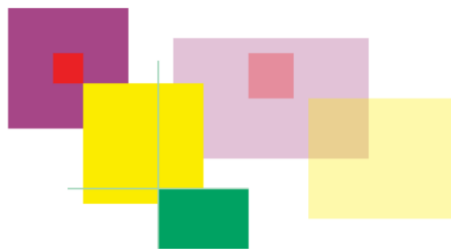
Entretanto, Orlandi aponta que é possível haver também a desregulação que perturba a rede de implícitos, o deslocamento e a ruptura de processos de significação, caracterizando a chamada polissemia (Orlandi, 2020, p. 34). Até mesmo porque, como assegura Pêcheux (2015, p. 53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro”.

É nesta perspectiva, em que se tem a contradição como inerente a todo discurso e a falha a qual todo ritual de interpelação está sujeito, que observamos os movimentos de resistência. Tomada, para a AD, enquanto uma discursividade, a resistência é definida por Pêcheux (1995), entre outros, como a fala quando se exige silêncio e a quebra do ritual na interpelação ideológica, uma vez que resistir, como assevera o autor, é próprio do processo de construção discursiva e, conseqüentemente, da constituição dos sentidos e sujeitos.

Na esteira desse pensamento, De Nardi e Nascimento (2016) preconizam que “o sujeito do discurso não é apenas assujeitado a reproduzir as relações de produção dominante na luta de classes, mas pode transformá-las e também resistir ao discurso dominante”. Por isso que, nesse sentido, é necessário observarmos também outro aspecto na constituição desse sujeito, o modo como o corpo funciona na materialidade discursiva.

Nas palavras de Orlandi (2023), não é possível pensar espaço e significação sem pensar na questão do corpo. Segundo a autora, “não dá para pensar um sujeito sem significar, ao mesmo tempo, o corpo desse sujeito” (Orlandi, 2023, p. 18), pois esse “corpo passa a funcionar como mais uma das evidências que constituem o processo de interpelação e da individuação dele em sujeito individuado sócio-politicamente” (Orlandi, 2023, p. 23). Dito de outro modo, esse corpo simboliza, e é sabido que, em se tratando do corpo negro abordado neste trabalho, inscrevem-se sobre ele sentidos estabilizados na memória discursiva, sentidos da prática escravista (Zoppi Fontana e Cestari, 2014).

Ao considerar esses aspectos, partiremos agora para os nossos gestos analíticos sobre como a solidão da mulher negra é discursivizada no ambiente digital.



Gestos de Leitura

É preciso destacar que todas as publicações analisadas a seguir correspondem a publicações postadas em perfis públicos tanto na rede social *Instagram*, quanto na rede social *YouTube*.

Figura 1 – SD1 – Perfil no *Instagram* “Daisy Deisee” (capturado em: 09 jun. 2023)

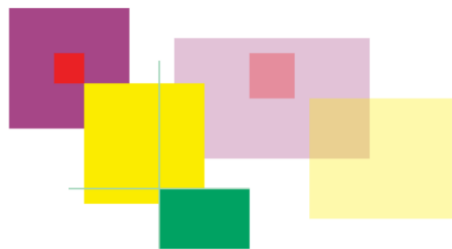


Fonte: https://www.instagram.com/p/CGWjd3Sgloc/?img_index=1.

Figura 2 – SD1 – Perfil no *Instagram* “Daisy Deisee” (capturado em: 09 jun. 2023)



Fonte: https://www.instagram.com/p/CGWjd3Sgloc/?img_index=2.



A primeira Sequência (SD1) é uma materialidade coletada do perfil da ativista negra Daisy Deisee. A postagem, no formato carrossel², trata-se de um *repost* – ou seja, a republicação de um *post* – feita por outras duas contas da rede social *Instagram*.

A Figura 1 do carrossel é um meme oriundo do desenho animado “Uma família da pesada”, que aborda o cotidiano familiar de uma família estadunidense, os Griffin.

Em sua origem conceitual, o meme foi um termo criado por Richard Dawkins, em 1976, e que significava uma unidade discreta de conhecimento, fofoca, piada, que estaria ligada à evolução cultural³. Já do ponto de vista discursivo, de acordo com Andrade e Cortes (2019, p.35), “os memes são textos humorísticos específicos da *cybercultura* que, rapidamente, se propagam por meio de compartilhamentos nas redes sociais”.

Ainda sob a ótica discursiva, os memes são conceituados por Dias (2019, p. 60) como a “forma material do discurso digital”, cujo funcionamento se dá a partir da repetição, como que num “efeito cascata”, caracterizando o que a autora vai chamar de textualidade seriada. Dias (2019) explica que, normalmente, nestes memes haverá um elemento (imagem, vídeo, *tag*, *gifs*, etc.) que vai se repetir e outro que vai mudar, “sustentando a possibilidade de expansão da série, a abertura do simbólico” (Dias, 2019, p. 57), do deslizamento de sentido.

Esclarecido esse ponto, retomamos o meme da postagem aqui analisada (Figura 01). Na ilustração, uma pessoa branca, que na imagem de referência⁴, corresponde a um segurança, segura uma tabela com uma paleta de cores que variam do branco ao preto para comparar com a cor da pele da pessoa que está em sua frente.

Se na imagem de referência as cores mais claras são definidas com o “okay” (ok) e as mais escuras como “*not okay*” (não está bem), o que permitiria o acesso do personagem do desenho a um determinado local no episódio em qual foi exibida, na situação do *post* aqui analisado, o meme é retomado e atualizado, de modo que as cores mais claras são definidas como para “casar” e as mais escuras como para “transar”.

² É um formato de publicação lançado em 2017 pela rede social *Instagram*, que permite que o usuário poste mais de uma imagem de uma única vez. Fonte: *Postgrain*. Disponível em: <https://postgrain.com/blog/post-carrossel-no-instagram-ideias-de-conteudo/> Acesso em: 08 ago. 2022.

³ Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-meme/> Acesso em: 30 jan. 2024.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=TwX2xFw4Uco> Acesso em: 30 jan. 2024



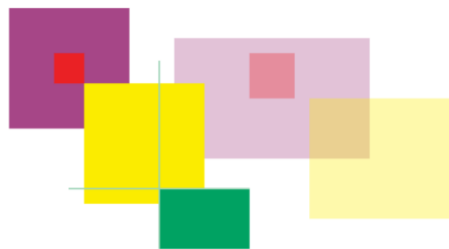
Já na segunda figura da SD1, temos a formulação: “estudos apontam uma taxa de 70% de mulheres negras que não são devidamente ‘assumidas’ nas relações amorosas. A mulher negra começa a acreditar que realmente não é bonita ou boa o suficiente”.

O carrossel é acompanhado da seguinte legenda:

[...] *Repost* @mafiaafrente . . . Para entendermos o conceito de hipersexualização do corpo preto é necessário voltarmos ao início do sistema escravista. Éramos vistos de forma objetificada, tivemos nossos corpos coisificados e abusados. Nos tiraram a condição humana e isso se perpétua até os dias atuais. Até hoje somos usados apenas para satisfazer fetiches e desejos sexuais da branquitude. Bons para o sexo, mas não para firmar compromisso sério. *Repost* @pitysullivan . . . Toda mulher negra já passou ou passa pela auto sabotagem! 🍷 Eu mesmo vivia acreditando que não era boa o suficiente, bonita o suficiente, inteligente o suficiente. Também fui ensinada dès de cedo a “imitar” padrões que não eram meus, muitas vezes padrões preconceituosos e antiquados e por muito tempo repetir esses padrões vergonhosos para me sentir aceita. E hoje eu venho aqui dizer que a auto sabotagem não me pega maaaais! O racismo faz com que a mulher negra se odiasse com que ela não enxergasse em si uma representatividade de beleza é isso gerou a auto sabotagem. Me aceitando eu estou quebrando a regra da auto sabotagem!!! . . . #solidãodamulherpreta #solidãodamulhernegra #solidãonegra #solidãopreta #solidudenegra #negra #preta #mulhernegra #mulherpreta #solidudepreta #mulheresnegras #negras #pretas #mulherespretas #solidão #solidude #solidária #sozinha #off #só #preterimento #preterida #preteridas #racismo #racismoamoroso #racismosexual #racismoinstitucional #racismoestrutural #assumir #assumida (SD1)

Convocando Dias (2019), observamos que o elemento que se repete no meme da Figura 01 da SD1 formando a série se constitui do braço do segurança e da tabela de cores. Mas, o elemento que varia, produzindo, a partir da relação com o interdiscurso, a textualização do discurso racista, é o “okay” substituído pelo “casar” e o “not okay” pelo “transar”.

É dessa forma que “o mesmo elemento vai produzir sentidos diferentes na relação com distintas formulações” (Dias, 2019, p. 65) e que a memória do discurso racista, que materializa sentidos de hipersexualização do corpo negro, vai estruturar essa materialidade discursiva. Isso porque observamos que o meme é atravessado por discursos exteriores, em especial, pelo já-dito “Branca para casar, mulata para f... [fornicar] e negra [preta] para trabalhar” (Freyre, 2000, p. 36), que são atualizados pela memória discursiva deslizando para outros efeitos de sentido.



Assim, a posição-sujeito que funciona no discurso do meme é a de identificação com a FD racista que concebe as mulheres negras enquanto corpos sexualizados, desumanizados e, conseqüentemente, não “merecedores” de afetividade, uma imagem construída no imaginário cultural brasileiro desde os tempos da escravidão e que permeia até os dias de hoje.

Segundo González ([1979] 2020), as imagens das mulheres negras na sociedade estão, em sua maioria, vinculadas aos estereótipos da submissão profissional (leia-se doméstica ou na prestação de serviços de baixa remuneração) e sexual. Sobre tais representações, Pacheco (2008, p. 13) reforça:

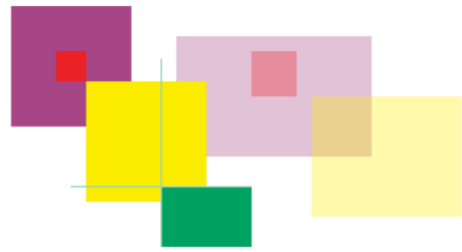
A mulher negra e mestiça estariam fora do “mercado afetivo” e naturalizada no “mercado do sexo”, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e “escravizado”; em contraposição, as mulheres brancas seriam [...] pertencentes “à cultura do afetivo”, do casamento, da união estável.

Deste modo, destacamos ainda que, tanto a Figura 1 quanto a Figura 2, bem como a legenda da SD1, a partir das formulações “Éramos vistos de forma objetificada, tivemos nossos corpos coisificados e abusados. Nos tiraram a condição humana e isso se perpetua até os dias atuais”, produzem efeitos de denúncia à hipersexualização sofrida pelo corpo negro, sobretudo, das mulheres negras.

Conforme Rezende e Tárrega (2021), a objetificação do corpo negro feminino o colocou enquanto território a ser colonizado, domado e sempre pronto a servir, um corpo no qual as opressões são visíveis.

A experiência vivida pela mulher negra durante o período escravocrata brasileiro revelou como seu corpo era controlado e explorado pelo colonizador branco por diversas formas, seja através do trabalho braçal, seja através da exploração sexual. A objetificação do corpo feminino negro o colocou enquanto território a ser colonizado, demonstrando o quão central ele era em uma lógica de poder desde o período colonial (Rezende; Tárrega, 2021, p. 239-240).

Nessa perspectiva é que aprofundamos, neste momento, no estudo, a discussão sobre o corpo do ponto de vista da Análise de Discurso (AD). Para Vinhas (2018, p. 86), “corpo, linguagem e história materializam o discurso e constituem o sujeito, atuando no processo de constituição dos sentidos e dos sujeitos”. São esses três elementos, vai nos dizer a autora, “que levam à compreensão da relação entre inconsciente e ideologia”, bem como fazem com que a relação entre corpo e linguagem seja constitutiva da subjetividade.



Observamos tal relação, na formulação materializada na legenda da postagem. Com o dito “[...] E hoje eu venho aqui dizer que a auto sabotagem não me pega maaaais! O racismo faz com que a mulher negra se odiasse com que ela não enxergasse em si uma representatividade de beleza é isso gerou a auto sabotagem”, observamos que a ativista repostada ocupa uma posição-sujeito de confronto e resistência ao discurso da superioridade branca e do auto-ódio. É a materialização do que Radde (2019, p. 142) vai chamar de corpo rebelde:

Aquele que resiste e persiste na tensão produzida pela ambivalência entre o real e o imaginário, mediatizada pelo simbólico. É o corpo que insiste nas bordas do jogo aparentemente coeso produzido pelo discurso dominante.

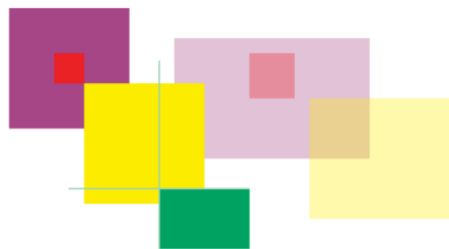
A respeito desse discurso dominante e de interpelação ideológica acerca do corpo negro, em especial, Modesto (2018, p. 132) explica que “há um funcionamento social que situa [o negro] em lugares específicos de identificação: o perigoso, o diferente, o exótico, o mau etc.”, acrescentaríamos, o subalterno, o “naturalmente” feio. E esse processo de situá-lo nesses lugares, continua o autor, “é tão eficaz que faz com que o próprio negro se veja configurado nessas posições enquanto sujeito”, daí a formulação na legenda: “[...] O racismo faz com que a mulher negra se odiasse com que ela não enxergasse em si uma representatividade de beleza”.

A seguir, apresentamos os nossos gestos analíticos, a partir da SD2, constituída da Figura 03.

Figura 3 – SD2 – Perfil no *Instagram* “Africanize Oficial” (capturado em: 01 ago. 2023)



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CvQjnSzNvxj>.



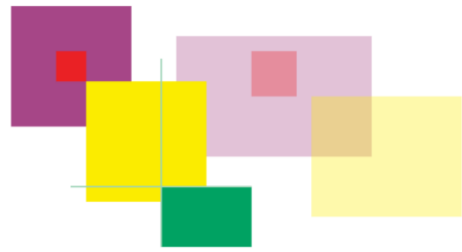
A SD2 foi coletada do perfil Africanize Oficial, que aborda questões raciais nas redes sociais. A postagem se constitui de uma imagem, com o dito: “O que você sabe sobre amar uma mulher negra?” e tem como legenda:

Como poderia uma menina preta acreditar que um dia venceria o grande obstáculo que é amar a si mesma? Com esse cabelo duro, esse nariz torto, a boca tão grande que nem pode usar um batom sem ouvir comentários sexuais. Tarefa difícil... Ô, se foi. Mas eu estou aqui e contando para mim mesma, todos os dias, o quanto dessa jornada dolorosa se tornou vitoriosa no final. O que você sabe sobre amar uma mulher negra? Eu pouco sei e talvez não saiba nada. A vida inteira sem me sentir amada, como saberia? Há pouquíssimo tempo, aprendi o que era amar. Amar a mim mesma. De longe, um dos desafios mais difíceis que me propus na vida, mas sem dúvidas um dos mais brilhantes. Hoje essa mulher preta acredita no amor que oferece a si mesma, no afeto que dá aos seus cabelos crespos, ao seu nariz, tão lindo que parece ter sido esculpido por seres divinos, a essa boca grande que pode usar o batom da cor que quiser e continuar bela. Essa boca, inclusive, é responsável por torná-la o que é hoje: uma mulher que sabe dizer o que quer para si. Amar uma mulher negra nunca foi tarefa simples. Para nós, então... Parecia coisa de outro mundo. E é! Pois o amor que uma mulher negra dá a si mesma não pode ser comparado a nenhum outro amor que exista no mundo. Esse amor é só dela, porque ela sabe se pertencer. E em um mundo carregado de ódio para nós, sentir amor por uma mulher negra é revolucionário. E essa revolução quem constrói é ela, todos os dias. Texto: @ashleymilia #AfricanizeOficial #AutoAmor #MulherNegra #AutoEstima #AfroAfeto (SD2).

Ao analisarmos a legenda da SD2, observamos que a ativista responsável pela postagem, já que assim como na SD1 se trata de um *repost*, a partir do sarcasmo – modo de funcionamento da ironia, segundo o escopo teórico da AD (Benetti, 2007) – materializa o discurso de resistência ao discurso racista e de estigmatização do corpo negro.

Nas palavras de Orlandi (2012, p. 26), a ironia joga “com a relação entre o estado de mundo tal como ele se apresenta já cristalizado – os discursos instituídos, o senso comum – e outros estados de mundo” e, nessa perspectiva, convém enfatizar que não se trata de mera oposição ou discursivizar o contrário do que é pensado. A ironia, como tipo de discurso, “[...] é o próprio lugar do estabelecimento de um processo de significação que chamamos de irônico” (Orlandi, 2012, p. 26) e que aponta, desse modo, para a ruptura do sentido.

E é, ao ironizar a sua própria imagem, com a formulação “com esse cabelo duro, esse nariz torto, a boca tão grande que nem pode usar um batom sem ouvir comentários



sexuais”, que a ativista utiliza discursivamente do sarcasmo para expor a ideologia racista que resulta no preterimento.

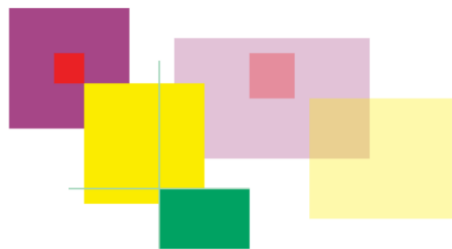
Em sua obra “O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres”, Naomi Wolf (2018) aponta que o patriarcado teria atribuído para a aparência feminina um valor de mercado, que não foi eliminado nem mesmo pelo feminismo. Daí que, “‘ser feia’ – leia-se: ter um fenótipo não compatível com a ideologia do embranquecimento”, neste contexto, faz com que “as pretas, em números expressivos, tenham menos oportunidades de conseguir a estabilidade afetiva” (Oliveira da Silva *et. al.*, 2022, p. 524).

Ainda, de acordo com Santos (2019), o cabelo crespo – parte fenotípica dos antepassados negros e discursivizado como ruim, feio, sujo – seria um dos motivos de exclusão dos negros e negras na sociedade. Convém lembrar que o dito “cabelo duro”, que tem sentido equivalente ao dito cabelo de bombril, é um pré-construído de sentido pejorativo para os cabelos crespos (Cortes, 2021).

Ainda na legenda, observamos uma ruptura, como é próprio do processo de significação irônico, da memória discursiva dominante a partir da produção de sentidos de consciência racial e descolonização do corpo negro, com os ditos “nariz tão lindo que parece ter sido esculpido por seres divinos” e “essa boca grande que pode usar o batom da cor que quiser e continuar bela”. Observamos nesses ditos o jogo com a ideologia do embranquecimento. Ou seja, a ativista “ao não aceitar categoricamente as formas de mundo já dadas”, ironiza o sentido de beleza do senso-comum, “pelo jogo da linguagem que tem a forma de eco e ruptura”, e estabelece a “relação com outros estados de mundo” (Orlandi, 2012, p. 29).

Sobre esses ditos ainda, parafraseamos Nascimento (2019), apontando que, neste momento, temos o corpo feminino negro irrompendo discursiva e ideologicamente, se revelando como movimentos de resistência e de luta.

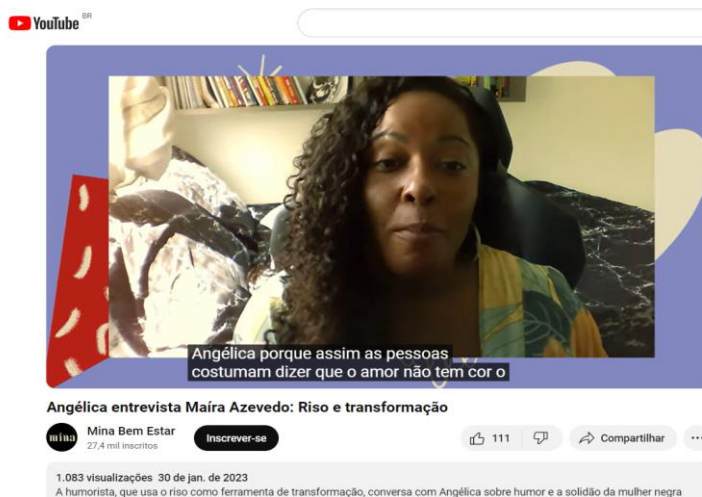
Podemos inclusive observar que esse sentido de autoaceitação é reforçado, por meio das *hashtags* #autoamor e #afroafeto, em funcionamento na legenda. Presente no espaço discursivo digital, conforme Silveira e Santos (2016), a *hashtag* tem se constituído como elemento central “para a convocação, engajamento, reunião e circulação de discursos militantes/ativistas da causa feminina e das questões de gênero, fazendo frente ao discurso



mediático tradicional”, daí que ambas as *hashtags* materializam sentidos de afetividade entre as pessoas negras.

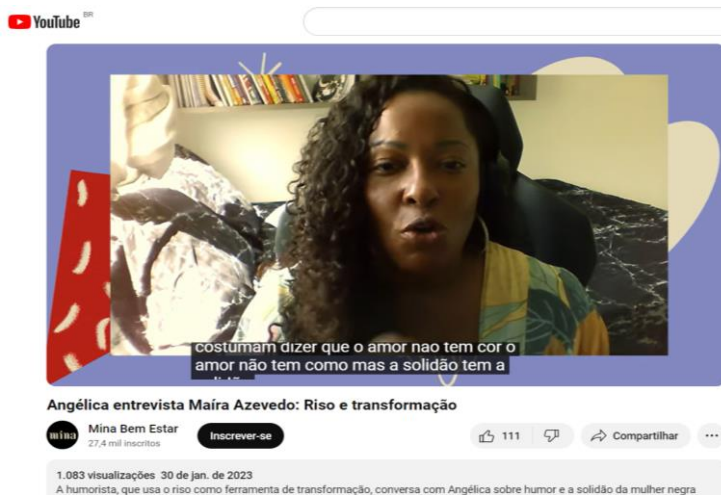
Analisaremos a seguir a terceira e última SD.

Figura 4 – SD3 – Perfil no *YouTube* “Mina Bem Estar” (capturado em: 01 ago. 2023)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ke37IDNdX2U&t=441s>.

Figura 5 – SD3 – Perfil no *YouTube* “Mina Bem Estar” (capturado em: 01 ago. 2023)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ke37IDNdX2U&t=441s>.



A SD3, por sua vez, se compõe de dois fotogramas⁵ (figuras 4 e 5) extraídos da entrevista concedida pela jornalista Maíra Azevedo à Angélica, no programa *Mina Bem Estar*, que trata do autocuidado e bem-estar das mulheres, na rede social digital *YouTube*.

Ao longo da entrevista, diversos assuntos são abordados, entre eles, a solidão da mulher negra, que reproduzimos abaixo:

Angélica: Agora, falando em relacionamento, a solidão da mulher negra é uma das consequências do racismo brasileiro, né? Você já viveu isso de alguma maneira? Como é que as mulheres negras podem encarar mais esse desafio? Tia Má: É, isso é muito importante de dizer, Angélica! Porque, assim, as pessoas costumam dizer que o amor não tem cor. O amor não tem cor, mas a solidão... tem cor, tem cara, tem corpo, sabe? 53% dos lares brasileiros são chefiados por mulheres e, desses 53%, 88% são de mulheres pretas que estão sozinhas, sabe? E isso aí tem a ver com o racismo e tem também relação com o genocídio da juventude negra porque nesse genocídio da juventude negra, a maioria dos homens que são assassinados são homens pretos, sabe?! Homens pretos que estão na sua idade adulta, entre 17 e 25 anos, então essas mulheres também têm os seus amores assassinados, né? Enquanto elas estão ali no desabrochar. E aí, tem também essa questão do ideal da beleza, né? A gente tem esse olhar de que as mulheres pretas não precisam serem cortejadas, não precisam serem amadas, não precisam casar. Se você for observar, é uma coisa super recente, você encontrar noivas negras porque antigamente essas mulheres, até mesmo aquelas que casavam, elas simplesmente passavam a viver junto em comunhão. Mas não tinha essa ideia. Inclusive, eu sou uma mulher que nunca casei oficialmente. Eu nunca tive uma cerimônia de casamento, tanto que eu hoje em dia eu tomei uma decisão política de fazer a minha cerimônia de casamento, porque é importante que as pessoas vejam que nossos corpos, nossas caras também, são dignos de serem amados, sabe? Eu quero ser visto, assim como a possibilidade de receber amor e se receber afeto.

Na imagem, que reproduz a opinião da entrevistada quando perguntada se a solidão da mulher negra é uma das consequências do racismo brasileiro, ou até mesmo na reprodução da entrevista acima, é possível ler a seguinte formulação: “as pessoas costumam dizer que o amor não tem cor. O amor não tem cor, mas a solidão tem... tem cor, tem cara, tem corpo...”.

O corpo, nos fala Vinhas (2021, p. 145-146), “é efeito de um conjunto de determinações envolvendo o complexo de formações discursivas, não desvinculadas dos efeitos sociais, históricos e ideológicos, conforme previsto pelo aparato teórico da AD”.

⁵ “Forma visual estabilizada mediante um procedimento de “suspensão” momentânea do movimento” (MEDEIROS; GLOZMAN, 2019, p. 11).



Neste sentido, a cor, a cara e o corpo aos quais se referem à formulação são o da mulher negra e este é atravessado por discursividades racistas, fazendo-a ser preterida na sociedade brasileira quando o assunto é afetividade. Daí que a posição-sujeito assumida pela jornalista, neste ponto da entrevista, é de denúncia quanto às determinações ideológicas que operam no âmbito das escolhas afetivas. Isso porque:

Pautar o corpo através de diferentes marcas concerne a um gesto que pode ser interpretado como não somente voltado para as tensões inconscientes, mas, também, para as determinações da ordem da exterioridade (Vinhas, 2021, p. 148).

Parafraseando Orlandi (2023, p. 27), podemos dizer ainda que, ao assumir tal posição-sujeito, ela “materializa no discurso aquilo que diz respeito a essa relação com o corpo, ou seja, do sujeito com o corpo. Ela desnaturaliza e traz o real do sentido”.

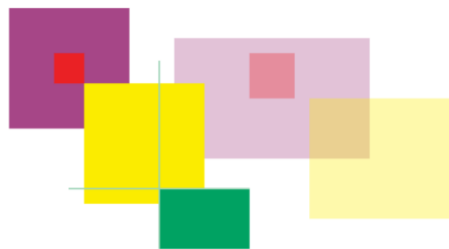
Ao longo da entrevista, observamos ainda que a jornalista ocupa no discurso a posição-sujeito de resistência à FD racista e ao silenciamento imposto historicamente ao corpo negro, por meio da formulação:

Eu nunca tive uma cerimônia de casamento, tanto que eu hoje em dia eu tomei uma decisão política de fazer a minha cerimônia de casamento, porque é importante que as pessoas vejam que nossos corpos, nossas caras também, são dignos de serem amados, sabe? Eu quero ser visto, assim como a possibilidade de receber amor e se receber afeto (SD3).

Nascimento (2019, p. 251) afirma que “ao negar, boicotar e interditar o corpo feminino negro, produz-se um silenciamento que afirma uma posição patriarcal, machista e segregadora e que se coloca nas fronteiras do acontecimento discursivo na relação com a história”. Por isso, o engajamento político e ideológico em ocupar espaços na luta pelos direitos civis das mulheres discursivizado pela jornalista produz furos na ideologia e, com isso, efeito de resistência.

Efeitos de Conclusão

A partir dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de filiação pêcheuxtiana e da análise do discurso digital, nos propusemos a analisar como a solidão da mulher negra é discursivizada nas mídias digitais, em especial, no *Instagram* e no *YouTube*.



Com base na análise das materialidades aqui relacionadas, comprovamos a hipótese de que as representações sociais sobre os corpos negros femininos, construídas e produzindo sentidos ao longo da história, ordenam as vidas e afetividade delas.

Considerando que “a imagem feita de determinado corpo é determinada ideologicamente” (Vinhas, 2021, p. 158), confirmamos que o preterimento/a solidão vivenciados pelas mulheres negras são determinados ideologicamente pelo interdiscurso, considerando os pré-construídos de sentidos racistas acerca desse corpo.

Ainda nos apoiando em Vinhas (2021, p. 158) que preconiza que, em se tratando do corpo para a AD, “sempre há a possibilidade de o sentido ser outro em função da incompletude, da falha no ritual”, observamos nas sequências discursivas um jogo de forças e uma tensão entre a memória discursiva de hipersexualização e desumanização sobre esses corpos e os movimentos de contradiscursos e resistência ao discurso racista que condiciona a afetividade a uma hierarquia racial em ambas as redes.

Observamos ainda que as mídias digitais sociais constituem espaços de confrontos discursivos nas tramas das formações discursivas (FDs). Nesse estudo, cujo objeto é a solidão da mulher negra – vimos que os discursos se movimentam com sentidos determinados pela FD racista, mas também temos os contradiscursos, com sentidos que se filiam à FD antirracista. Os sentidos se materializam, de modo a atestar o movimento da língua na história, e a ideologia convoca, interpela os sujeitos a se posicionarem nos discursos. Assim, temos uma posição-sujeito racista, predominante na memória, que se atualiza em circulação nas mídias digitais, mas a equivocidade também se instaura nas redes com a posição-sujeito de resistência ao discurso racista.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, G.; CORTES, G. R. O. Os memes políticos na trama discursiva: imaginário, metáfora e efeitos de sentidos. **Letras em Revista**, Teresina, v. 10, n. 01, p. 34-45, 2019. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/252>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- BENETTI, M. A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. **Líbero**, São Paulo, v. 20, p. 37-46, 2007. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/632>. Acesso em: 09 jan.2023.
- BRITO, A. Solidão da mulher negra: especialistas explicam significado e origem do termo. **Correio Braziliense**, Brasília, fev. 2022. Disponível em:



<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/02/4981960-solidao-da-mulher-negra-especialistas-explicam-significado-e-origem-do-termo.html>. Acesso em: 13 jun. 2023.

CORTES, G. R. O. O crespão nas tramas do discurso digital: entre os fios da memória, acontecimento e equivocidade. *In*: SILVA, D. S.; SILVA, C. S. (org.). **Revista Pêcheux em (dis)curso**: entre o já-dito e o novo. Uma homenagem à professora Nádia Azevedo, São Carlos, v. 2, 2021. p. 271-287.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.

DIAS, C. Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes. **Rasal Lingüística**, v. 2, p. 55-74, 2019. Disponível em: <https://rasal.sael.org.ar/index.php/inicio/article/view/131/284> Acesso em: 09 mai. 2024.

DE NARDI, F. S.; NASCIMENTO, F. A. S. A Propósito das Noções de Resistência e Tomada de Posição na Análise de Discurso: movimentos de resistência nos processos de identificação com o ser paraguaio. **Revista Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina, n. 19/2, p. 80-103, 2016.

DIAS, C. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p.972-980, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1030>. Acesso em: 28 jul. 2021.

FREYRE, G. Prefácio à 1ª edição. *In*: FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 29-63.

GONZALEZ, L. A Mulher Negra na Sociedade Brasileira – uma abordagem político-econômica. *In*: RIOS, F.; LIMA, M. (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 49-64.

HOOKS, B. Vivendo de Amor. **Geledés**, São Paulo, mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

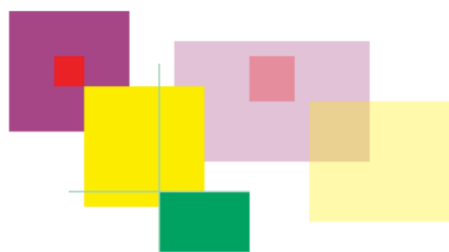
INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. *In*: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, Mercado de Letras, 2011.

MEDEIROS, V.; GLOZMAN, M. Pregas sobre um título: fotograma das tensões e disputas discursivas na/da atualidade. **Fragmentum**, Santa Maria, v. 54, p. 9–18, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/41998/pdf>. Acesso em 27 mar. 2023.

MODESTO, R. Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito. **Littera**: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, v. 9, n. 17, p. 124-245, 2018. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/10378>. Acesso em: 22 out. 2024.

NASCIMENTO, E. A. Paráfrases d(a imagem) (d)o corpo em protesto: os sentidos de feminismo(s) no foco da resistência negra. **Revista do Seta**, Campinas, v.9, p. 240-252, 2019. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/6402>. Acesso em: 31 jan. 2024.

OLIVEIRA, I. M.; SANTOS, N. C. S. Solidão tem cor? Uma análise sobre a afetividade das mulheres negras. **Interfaces Científicas – Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 7, n. 2, p. 9-20, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/4463>. Acesso em: 17 jul. 2023.



OLIVEIRA DA SILVA, E. W. *et. al.* Os velhos caminhos na solidão da mulher negra. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**, Curitiba, v. 14, n. 39, p. 522–545, 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1322>. Acesso em: 17 jul. 2023.

ORLANDI, E. P. O corpo na Análise de Discurso: entrevista com Eni Orlandi. *In*: FERREIRA, M. C. L.; L. V. (org.). **O corpo na análise de discurso** – Conceito em movimento. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 15-34.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, E. P. Destruição e Construção dos sentidos: um estudo da ironia. **Web-Revista Discursividade**: Estudos Lingüísticos, v. 9, p. 1-42, 2012.

PACHECO, A. C. L. **Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. *In*: ORLANDI, E. P. (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 49-59.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

RADDE, A. **Metáforas de vida e de morte**: o corpo rebelde da aids nos discursos da e sobre a saúde pública no Brasil. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

REZENDE, D. T.; TÁRREGA, M. C. V. B. Colonialidade do corpo feminino negro: trabalho reprodutivo no período escravocrata brasileiro e Justiça Racial. **Revista Videre**, Dourados, v. 13, n. 27, p. 227-243, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/videre/article/view/14416>. Acesso em: 22 ago. 2023.

RIBEIRO, S. A mulher negra não é vista como digna de ser amada. **Revista Continente**, Recife, mar. 2018. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/entrevista/-a-mulher-negra-nao-e-vista-como-digna-de-ser-amada->. Acesso em: 13 jun. 2023.

SANTOS, D. B. **Para além dos fios**: cabelo crespo e identidade negra feminina na contemporaneidade. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

SILVA, M. N. A mulher negra. **Geledés**, São Paulo, mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra/>. Acesso em 20 jan. 2024.

SARGENTINI, V. M. O. O arquivo e a circulação de sentidos. **Revista Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 9, n. 11, p. 23-30, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55139>. Acesso em: 03 fev. 2024.

SILVEIRA, J.; SANTOS, K. A. “Uma presidente fora de si”? #IstoÉMachismo: O discurso ativista e o papel das hashtags como palavra-argumento nas mídias digitais. *In*: Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 4., 2016, Maringá. **Anais [...]** Maringá: UEM, 2016. p. 828-838.



SOUZA, C. A. S. **A solidão da mulher negra**: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

VINHAS, L. I. O corpo na Análise de Discurso: materialidade, lugar de enunciação, subjetividade. **Revista Língua & Literatura**, Frederico Westphalen, v. 23, n. 42, p. 143-163, 2021. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/revistalinguaeliteratura/article/view/3966/3188>. Acesso em: 31 jan. 2024.

VINHAS, L. I. Discurso, corpo e linguagem na constituição subjetiva. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 21, n. 2, p. 78-87, 2018. Disponível em: <https://periodicos-old.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15173>. Acesso em: 30 jan. 2024.

ZOPPI FONTANA, M.G.; CESTARI, M. J.. “Cara de empregada doméstica”: Discursos sobre os corpos de mulheres negras no Brasil. **RUA**, v. 20, p. 167-185, 2014. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/capa?publicacao_id=11. Acesso em: 20 jul. 2022.

Submissão: 06/12/2024

Aceite: 07/10/2024